

CONSERVAÇÃO

# Em busca de consenso para mudar paradigmas

Anthony de Christo  
de São Paulo

Pela terceira vez, os países põem-se a discutir, em cúpula, o ambiente do Planeta. Na primeira, em 1972, em Estocolmo (Suécia), emergiu e firmou-se o conceito de que o equilíbrio dos ecossistemas pode ser facilmente alterado por obra dos seres humanos. O grito de guerra era contra a poluição, especialmente a produzida por um mundo com fisionomia industrial. A Conferência de Estocolmo gestou o PNUMA (Progra-

ma das Nações Unidas para o Meio Ambiente), que colocou os assuntos ambientais na ordem do dia e fez surgir a Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1983. Suas resoluções, publicadas em 1987 e conhecidos como Relatório Brundtland, da primeira-ministra da Noruega, Gro Brundtland, que presidiu as reuniões, estabeleceram o conceito de desenvolvimento sustentável.

A Conferência do Rio de Janeiro, em 1992, gerou cinco documentos e uma enorme expectativa centrada na implementação da Agenda 21, um programa mundial e abrangente, que em seus 40 capítulos define metas para algumas das principais questões ambientais do mundo. Sobre essas esperanças e debaixo das instabilidades políticas, econômicas e comerciais do Planeta reúnem-se agora,

em Johannesburgo, 189 países em busca de consenso para mudar paradigmas.

As questões ambientais reduziram bastante suas características polêmicas quando foram apropriadas pela sociedade, integradas ao cotidiano e valoradas pelos meios de produção, assumindo novo "status" ao ampliar seu repertório para discutir pobreza e os desequilíbrios entre as nações.

Nesse sentido, a cada dia fica mais explícito que qualquer empreendimento, em maior ou menor grau, contém um custo ou uma economia de caráter ambiental passível de ser contabilizado e portanto posto à disposição do comércio.

O Relatório Brundtland, de 1987, definiu o conceito de desenvolvimento sustentável

A velocidade de incorporação dos "bens ambientais" aos inventários e às práticas contábeis dependerá dos avanços educacionais, das atitudes comunitárias, da expansão dos meios de informação e da forma como governos e corporações administrem os conflitos entre desperdícios e carências nas sociedades contemporâneas.

Quatro variáveis compõem a equação básica do relacionamento das sociedades com o ambiente: recursos naturais, biodiversidade, conservação e energia. Do seu manejo e avaliação têm dependido modelos de desenvolvimento; formas de progresso e qualidade de vida de grupamentos humanos. Seus valores relacionam-se direta-

mente com a conquista do conhecimento, da tecnologia; com a capacidade de empreender, de poupar e de negociar com parceiros ou adversários a utilização dos espaços do Planeta.

Embora os grandes temas ambientais, como a carência de água, o aquecimento global da Terra e a ameaça às florestas tropicais estejam ainda distantes de uma apreensão cotidiana, eles decorrem de observações corriqueiras e da cultura de comunidades que por circunstâncias diversas perseveram na transmissão de conhecimentos baseados na utilização dos recursos disponíveis de maneira adequada, com adequado uso de energia, de forma a atender o sustento e o bem estar de hoje e prover seu próprio futuro e das gerações que lhe sucederão. Daí emergiu, do ponto de vista histórico, o conceito de desenvolvimento sustentável.

Os movimentos que argumentam a favor de levar vastas populações do mundo às mínimas condições de vida e sobrevivência e a necessidade crescente dos sistemas de negócios em ampliar seus mercados por intermédio de maior produção e distribuição mais ágil sob menores custos sugerem a possibilidade de um salto diferenciado contido no novo conceito de uma "tecnologia da conservação". É o que se compararia e poderia se complementar à poderosa mudança de paradigmas promovida pela Tecnologia da Informação.

Alimentar, prover moradia, vestuário, saúde adequada, instrução,

cidadania e entretenimento para o enorme contingente de pessoas carentes no mundo significa exercer também uma enorme pressão sobre o consumo e as formas de extração, manipulação e distribuição de recursos finitos com uma extraordinária utilização de energia e inflacionária degradação dos espaços disponíveis para a própria vida humana.

Nem se imagine que haveria tanto capital disponível imediatamente para tal empreitada. Nem o capital disponível tem podido suportar adequadamente as pressões que o uso acelerado, inadequado ou negligente desses recursos estão promovendo sobre os custos de produção e comercialização de produtos e serviços.

As exigências de certificações ambientais e de qualidade; o aperfeiçoamento de processos e procedimentos; a reutilização da água; o reaproveitamento de energia; a agricultura de precisão; a recuperação dos conceitos da logística; o "principado" do consumidor nos países afluentes; e as barreiras comerciais apostas nos rótulos das mercadorias com asteriscos ambientais e trabalhistas representam as acomodações iniciais na abertura do caminho da Tecnologia da Conservação.

Ela englobará o desenvolvimento da biotecnologia acasalada às áreas de preservação, conser-

vação e uso sustentado de florestas, farmacologia e agricultura. Por consequência, terá fortes interferências na medicina, eletrônica, meteorologia, nutrição e industrialização, transporte, conservação e preparo de alimentos.

Terá também papel destacado na produção, transmissão, uso, destino e economia de energia, ponderando as demandas de fontes finitas e renováveis. As indústrias automotivas e os produtores de combustíveis automotivos in-

Tecnologia da Conservação deve manejar recursos, energia e biodiversidade

vestem hoje, respectivamente, em células de hidrogênio e energia solar para perpetuar seus negócios. Trabalham com combustíveis alternativos (como o álcool, no Brasil, e em alguns outros países), eventualmente, sem perdas financeiras, para não arcar com o custo da poluição do ar nas grandes cidades sem perder mercado,

ganhar tempo e interagir com o Estado para promover sistemas de transportes racionais que não acabem com seu negócio: produzir veículos movidos a derivados de petróleo... por enquanto.

A escala dos negócios da energia eólica, solar, das marés e geotérmica dependerá de escassez e oportunidades. Assuntos para a Tecnologia da Conservação, como os da água e do oxigênio, substâncias-chave da Terra. É disso que se trata, nas rodas mais pragmáticas reunidas em Johannesburgo.

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *GM/Ambiente & Saúde*

Data: *22/8/2002* Pg. *C-5*

Class.: *210*

Documentação